

ARISTÓTELES

Atenas, 367 ou 366 a.C. Ao grande centro intelectual e artístico da Grécia no século IV a.C., chega um jovem de cerca de dezoito anos, proveniente da Macedônia. Como muitos outros vem atraído pela intensa vida cultural da cidade que lhe acenava com oportunidades para prosseguir seus estudos. Não era belo e para os padrões vigentes no mundo grego, principalmente na Atenas daquele tempo, apresentava características que poderiam dificultar-lhe a carreira e a projeção social. Em particular certa dificuldade em pronunciar corretamente as palavras deveria criar-lhe embaraços e mesmo complexos numa sociedade que, além de valorizar a beleza física e enaltecer os atletas, admirava a eloqüência e deixava-se conduzir por oradores.

Naquela época duas grandes instituições educacionais disputavam em Atenas a preferência dos jovens que, através de estudos superiores, pretendiam se preparar para exercer com êxito suas prerrogativas de cidadãos e ascender na vida pública. De um lado, Isócrates, seguindo a trilha dos sofistas, se propunha desenvolver no educando a aretê política - ou seja, a “virtude” ou capacitação para lidar com os assuntos relativos à polis - transmitindo-lhe a arte de “emitir opiniões prováveis sobre coisas úteis”. E, de fato, numa democracia como a ateniense, cujos destinos dependiam em grande parte da atuação de oradores, a arte da persuasão por meio da palavra manipulada com o brilho e a eficácia dos recursos retóricos era fator imprescindível para o desempenho de um papel relevante na cidade-estado. Ao contrário de Isócrates, Platão ensinava que a base para a ação política - como, aliás, para qualquer ação - deveria ser a investigação científica, de índole matemática. Na Academia, que fundara em 387 a.C., mostrava a seus discípulos que a atividade humana, desde que pretendesse ser correta e responsável, não poderia ser norteadas por valores instáveis, formulados segundo o relativismo e a diversidade das opiniões; requeria uma ciência (episteme) dos fundamentos da realidade na qual aquela ação está inserida. Por trás do inseguro universo das palavras - sujeitas à arte encantatória e à prestidigitação dos retóricos - o educando deveria ser levado, por via do socrático exame do significado das palavras, à contemplação, no ápice da ascensão dialética das essências estáveis e perenes: núcleos de significação dos vocábulos porque razão de ser das próprias coisas, padrões para a conduta humana porque modelos de todos os existentes do mundo físico. Para além do plano da palavra-convenção (nomos) dos sofistas e de Isócrates, Platão apontava um ideal de linguagem construída em função das idéias, essas justas medidas de significação e de realidade.

Diante dos dois caminhos - o de Isócrates e o de Platão - o jovem chegado da Macedônia não hesita: ingressa na Academia, embora a advertência da inscrição de que ali não devesse entrar “quem não soubesse geometria”. Mas em 367 a.C. Platão não se encontrava em Atenas. Havia morrido Dionísio I, tirano de Siracusa, e Platão para lá se dirigira, pela segunda vez, a chamado de seu amigo Dion. O novo tirano Dionísio II, talvez pudesse ser convencido a adotar uma linha política mais justa e condizente com os interesses gerais do mundo helênico.

O jovem que viera da Macedônia ingressa, assim, numa Academia na qual a figura principal era, no momento, Eudoxo de Cnido, matemático e astrônomo que defendia uma ética baseada na noção de prazer. Somente cerca de um ano depois é que Platão retorna, fatigado por mais uma frustrada experiência política na Sicília. E talvez tenha sido o próprio Eudoxo quem lhe apresentou o novo aluno da Academia, o jovem da Macedônia de olhos pequenos, porém reveladores de excepcional vivacidade: Aristóteles de Estagira.

O preceptor de Alexandre

De pura raiz jônica, a família de Aristóteles estava tradicionalmente ligada à medicina e à casa reinante da Macedônia. Seu pai, Nicômaco, era médico e amigo do rei Amintas II, pai de Filipe. Estagira, a cidade onde Aristóteles nasceu, em 384 a.C, ficava na Calcídia e, apesar de estar situada distante de Atenas e em território sob a dependência da Macedônia, era na verdade uma cidade grega, onde o grego era a língua que se falava. A vida de Aristóteles - e pode-se dizer que até certo ponto sua obra - estará marcada por essa dupla vinculação: à cultura helênica e à aventura política da Macedônia.

Ao ingressar na Academia platônica - que viria a freqüentar durante cerca de vinte anos - Aristóteles já trazia, como herança de seus antepassados, acentuado interesse pelas pesquisas biológicas. Ao matematismo que dominava na Academia, ele irá contrapor o espírito de observação e a índole classificatória, típicas da investigação naturalista, e que constituirão traços fundamentais de seu pensamento.

Por outro lado, embora de raízes gregas, ele não era cidadão ateniense e estava estreitamente ligado à casa real da Macedônia. Essa condição de meteco - estrangeiro domiciliado numa cidade grega - explica que ele não viesse a se tornar, como Platão, um pensador político preocupado com os destinos da polis e com a reforma das instituições. Diante das questões políticas Aristóteles assumirá a atitude do homem de estado, que se isola da cidade em pesquisas especulativas, fazendo da política um objeto de erudição e não uma ocasião para agir.

Em 347 a.C., morrendo Platão, Aristóteles deixa Atenas e vai para Assos, na Ásia Menor, onde Hércias, antigo escravo e ex-integrante da Academia, havia se tornado o governante. É possível que a escolha de Espeusipo, sobrinho de Platão, para substituir o mestre na direção da Academia, tenha decepcionado Aristóteles; sua destacada atuação naqueles vinte anos parecia apontá-lo como o mais apto a assumir a chefia. Três anos depois que Aristóteles havia se transferido para Assos, Hércias foi assassinado. Deixou então a cidade, levando em sua companhia Pítias, sobrinha do tirano morto, e que se tornou sua primeira esposa. Mais tarde, morrendo Pítias, desposará Herpilis, que lhe dará um filho, Nicômaco.

Saindo de Assos, Aristóteles permanece dois anos em Mitilene, na ilha de Lesbos. É o momento em que a Macedônia, garantida pelo poderio militar, começa a manifestar suas vastas ambições políticas. Filipe, em 343 a.C., chama Aristóteles à corte de Pela e confia-lhe importante missão. É ainda preceptor de Alexandre quando, em 338 a.C, os

macedônios derrotam os gregos em Queronéia. Chega ao fim a autonomia das polis que caracterizara a Grécia do período helênico. A partir de então - dominada pela Macedônia, mais tarde por Roma - a Grécia integrará amplos organismos políticos que diluirão suas fronteiras e atenuarão as distinções culturais que tradicionalmente separavam os gregos de outros povos, sobretudo os “bárbaros” orientais.

Em 336 a.C., Filipe é assassinado e Alexandre sobe ao trono. Logo em seguida prepara uma expedição ao Oriente, iniciando a construção de seu grande império. Nada mais justificava a permanência de Aristóteles na corte de Pela. É o momento de voltar a Atenas. Lá, próximo ao templo dedicado a Apolo Liceano, abre uma escola, o Liceu, que passou a rivalizar com a Academia, então dirigida por Xenócrates. Do hábito - aliás comum em escolas da época - que tinham os estudantes de realizar seus debates enquanto passeavam, teria surgido o termo peripatético (que significa “os que passeiam”) para designar os discípulos de Aristóteles.

Ao contrário da Academia, voltada fundamentalmente para investigações matemáticas, o Liceu transformou-se num centro de estudos dedicados principalmente às ciências naturais. De terras distantes, conquistadas em suas expedições, Alexandre enviava ao seu ex-preceptor exemplares da fauna e da flora que iam enriquecer as coleções do Liceu. O biologismo era mais que uma perspectiva de escola: tornou-se marca central da própria visão científica e filosófica de Aristóteles, que transpôs para toda a natureza categorias explicativas pertencentes originariamente ao domínio da vida. Em particular, a noção de espécies fixas - sugerida pela observação do mundo vegetal e animal - exercerá decisiva influência sobre a física e a metafísica aristotélicas, na medida em que se reflete na doutrina do movimento, elaborada por Aristóteles.

Apesar da estima que Alexandre parece ter devotado sempre a seu antigo mestre, uma barreira os distanciava: Aristóteles não concordava com a fusão da civilização grega com a oriental. Segundo ele, gregos e orientais eram naturezas distintas, com distintas potencialidades, e não deveriam coexistir sob o mesmo regime político. Aristóteles estava profundamente convencido de que o regime político dos gregos era inseparável de seu temperamento, sendo impossível transferi-lo para outros povos. Estabelece nítida distinção entre as populações “bárbaras” e a polis grega, somente esta sendo uma comunidade perfeita, pois a única a permitir ao homem uma vida verdadeiramente boa segundo os princípios morais e a justiça.

Depois da morte de Alexandre, em 323 a.C., Aristóteles passou a ser hostilizado pela facção anti-macedônica, que o considera politicamente suspeito. Acusado de impiedade, deixou Atenas e refugiou-se em Calcis, na Eubéia. Aí morreu no ano de 322 a.C.

OBRAS

É muito complexo falar das obras de Aristóteles. São muitas e não poucas se encontram perdidas. Citaremos aqui apenas as principais, deixando de lado as que se encontram em fragmentos ou que se perderam e são apenas citadas por outros autores. Muitas obras são tidas também como apócrifas. Não nos deteremos, porém nem na discussão nem na enumeração das mesmas. Pesquisa mais detalhada poderá ser feita pelos alunos no livro *História de la Filosofia - Fraile – BAC*.

O “CORPUS ARISTOTELICUM”

I - Organon - (= Instrumento)

- 1 - Catedorias ou Predicamentos
- 2 - De Interpretatione (2 livros sobre o juízo)
- 3 - Primeiros Analíticos (2 livros sobre o silogismo)
- 4 - Segundos Analíticos ou Analíticos Posteriores (dois livros sobre a demonstração silogística enquanto conduz à ciência)
- 5 - Tópicos (oito livros sobre a demonstração silogística enquanto conduz a uma conclusão provável)
- 6 - Refutações sofísticas

II - Filosofia Primeira

- 1 - Metafísica (14 livros)

III - FÍSICA

- 1 - Físicos (oito livros)
- 2 - De coelo (4 livros sobre Astronomia)
- 3 - De generatione et Corruptione (2 livros)
- 4 - Metereológicos (4 livros)

IV - BIOLOGIA

A - TRATADOS MAIORES

- 1 - De anima - 3 livros - sobre o vivente em geral
- 2 - História dos animais - 9 livros
- 3 - De motu animalium - 1 livro
- 4 - De incesso animalium
- 5 - De partibus animalium - 4 livros
- 6 - De generatione animalium - 1 livro

B - TRATADOS MENORES

- 1 - De sensu et sensato
- 2 - De memoria et reminicentia
- 3 - De somno et vigilia
- 4 - De insomniis
- 5 - De longitudine et brevitae vitae
- 6 - De iuventute et senectute
- 7 - De respiratione

- 8 - De vita et morte
- 9 - De divinatione per somnum

V - ÉTICA

- 1 - Ética a Edemo - 7 livros
- 2 - Ética a Nicomaco - 10 livros
- 3 - Magna Moralia - 2 livros
- 4 - De virtutibus et vitiis

VI - POLÍTICA

- 1 - Política
- 2 - Constituição de Atenas

VII - Arte

- 1 - Retórica - 3 livros
- 2 - Poética - 2 livros
- 3 - Poesias: Hino a Hermias e Elégia do Altar

VIII - OBRAS PERDIDAS

Restam fragmentos ou referências de 32 obras e alguns autores ainda aceitam como verdadeiras e não apócrifas a mais 16 obras.

ETAPAS DO PENSAMENTO ARISTOTÉLICO

Encontramos em Aristóteles três etapas bem distintas de seu amadurecimento como pensador. São elas:

A - PERÍODO DA ACADEMIA OU PERÍODO PLATÔNICO

São os anos de sua permanência na Academia juntamente com seu mestre Platão. Durante este período pensamento Aristotélico é claramente platônico. As obras deste período, quase todas perdidas, eram um reflexo do pensamento do seu mestre, não só na forma dialogada, como também no seu conteúdo doutrinal e até mesmo nos seus títulos. Podemos assinalar como obras deste período o Eudemo, Protrépticos, O Político, O Sofista e o Simpósio.

B - PERÍODO DE TRANSIÇÃO

São os anos de viagens e de instrução de Alexandre. Aristóteles submete a crítica as idéias platônicas e revisa suas próprias, começando lentamente a esboçar um pensamento seu original. Mas mesmo neste momento ainda se considera um platônico se bem que já conteste as Idéias platônicas. Pode-se notar nesta época o diálogo sobre a Filosofia.

C - PERÍODO ARISTOTÉLICO OU DO LICEU

É a sua estadia em Atenas. Funda-se o Liceu (335-323). É o período definitivo em que Aristóteles chega à formulação de seu próprio sistema se bem que conserve ainda alguns aspectos do platonismo inicial. Temos os escritos lógicos: Organon (Categorias,

Analíticos, Tópicos); os escritos da Física (no sentido de Filosofia e de ciências sobre a natureza): Física, a Alma, a História dos Animais, os Meteoros, o Movimento dos Animais; os escritos Metafísicos: A Metafísica em 14 livros: os escritos Éticos e políticos: A Ética a Nicomaco, a Política, A constituição dos Atenienses; os Escritos de Estética: A poética e a Arte Retórica.

É importante notar que em momento nenhum Aristóteles rompeu com o seu mestre Platão. Sempre lhe votou respeito e amizade. O ter divergido de suas idéias após sua morte nada mais foi do que um processo de amadurecimento e reflexão crítica do acervo recebido do mestre.

A REALIDADE

1 - Atitude de Aristóteles - A Filosofia de Aristóteles representa um grande esforço para dar solução ao problema do ser e da ciência tal como tinha já sido colocado por Heráclito e Parmênides até Platão. Platão tentara superar o mobilismo de Heráclito imaginando um mundo de entidades eternas, fixas e subsistentes e ao mesmo tempo tenta romper com o imobilismo de Parmênides com as idéias de idêntico e diverso. Platão, porém, não só não conseguiu resolver o problema, mas o deixou ainda agravado pela duplicação do mundo em sensível e Inteligível. Assim Aristóteles tem que dar uma tríplice resposta: ao monismo estático de Parmenides; ao mobilismo de Heráclito e ao Idealismo platônico.

a - ato e potência - os seres começam na pura potencialidade física da matéria, para ir subindo numa concatenação de atos cada vez mais perfeitos, até chegar ao ato puro, que é o cume do Ser.

b - Matéria e forma - No principio temos uma matéria sem nenhuma forma (matéria prima) e através de uma série de seres cujas formas são cada vez mais perfeitas, chegamos à Forma sem Matéria (Deus).

c - movimento - O universo se compõe de uma série de motores e movido, concatenados entre si, até se chegar ao Motor Primeiro, que movendo a tudo o mais o mesmo não é movido por nada.

d - Finalidade - Todo ser tem sua finalidade particular. Deus é o fim ultimo de todos os seres, causa final atrativa e causa suprema do movimento.

A CIÊNCIA

1 - O conhecimento científico

Aristóteles rompe totalmente com seu mestre Platão ao negar a existência ontológica do mundo das idéias, do mundo das essências. Guarda, porém, o conceito **de ser a ciência um conhecimento fixo, estável e certo**. Ao suprimir o mundo transcendente das Idéias de Platão **admite a existência de substâncias particulares e individuais** distribuídas hierarquicamente em três grandes planos: o terrestre, o celeste e o divino. Aristóteles distingue duas ordens de conhecimento: o sensitivo e o intelectivo. O primeiro é fonte de todos os nossos conhecimentos e se caracteriza por sua particularidade. É verdadeiro, porém não científico, porque está sujeito ao movimento e à mutação das coisas e porque não distingue o substancial do accidental. É marcado pela opinião (doxa). O Conhecimento Científico requer fixidez, estabilidade e necessidade dos objetos sobre os quais se baseia sua certeza. Só pode se constituir ciência o conhecimento intelectivo capaz de produzir conceitos universais com as características já aduzidas anteriormente de fixidez, estabilidade e necessidade.

2 - Propriedades do conhecimento científico

- I - É um conhecimento da essência das coisas - responde a questão “que é”.
- II - É o conhecimento das coisas por suas causas - Não basta saber que uma coisa é, mas também se deve saber “que é” e “porque é”.
- III - É um conhecimento necessário - Sabe-se que a coisa é assim e não pode ser de outra maneira.
- IV - É um conhecimento universal - Equivale ao fixo, imutável e necessário.

A Ciência em Aristóteles é sempre realista. Parte do Real e fica nele. Aceita o conceito platônico de ser a Ciência um conhecimento fixo, estável e necessário. Porém busca a necessidade dos conceitos universais **não numa ordem ontológica fictícia**, como seu mestre, **mas na ordem lógica**. Não admite as idéias inatas nem a reminiscência. Todo o conhecimento tem seu ponto de partida no mundo sensível. O universal se nos dá a partir do mundo sensível e das coisas singulares.

A Indução - Os graus ascendentes do processo cognitivo

I - Sensação - O ponto de partida do conhecimento é a percepção sensível dos objetos materiais particulares. Não temos conhecimentos inatos. Todo o conhecimento nos vem dos sentidos. No homem há um desejo inato e natural de conhecer.

II - Memória - Na memória persistem e se conservam as impressões sensitivas.

III - Experiência - Da repetição e confronto das várias sensações repetidas procedentes dos objetos semelhantes, conservados na memória e unidos pela observação consciente e atenta, nasce a experiência. A experiência não transcende ao particular.

IV - O conceito universal - Com o conceito universal entramos no campo do intelectual. Da redução de muitas experiências à unidade de uma só noção ou conceito, desprendido da multiplicidade de coisas e fatos particulares, se produz o universal, que é antes de tudo, a redução da pluralidade em unidade.

V - Arte - O conceito universal, enquanto se apóia nas coisas sujeitas à mudança é o fundamento da Arte, que tem por objeto a ação e a produção. A experiência conhece o fato e a coisa, porém ignora a causa e o porque. A arte conhece a coisa, o fato e o porque. Pro isto os homens da Arte são capazes de ensinar.

VI - Ciência - O conceito universal constitui o fundamento da ciência. “Depois de ter sido inventada a Arte inventou-se a ciências que não tem por objeto imediato nem a necessidade nem o prazer. E uma Ciência será tão mais elevada quanto seja universal.

Podemos entender o conceito universal como um processo:

- a - de **unificação** - passando-se da pluralidade para a unidade;
- b - de **estabilização** - reduzindo-se o móvel ao imutável;
- c - de **desmaterialização** - prescindindo-se da matéria particular e considerando-se a matéria em geral.

Assim na **abstração se obtém um conceito universal** no qual por uma parte se conservam os princípios que constituem a essência completa, imutável e permanente da coisa e por outra se consegue a fixidez, a estabilidade e a necessidade lógica requerida pelo conhecimento científico.

DIVISÃO DAS CIÊNCIAS

Teoréticas - Física - Objetos moveis
 - Matemática - Objetos imóveis
 - Teologia - Substancia eterna e imóvel

Práticas - Política - o governo da cidade
 - Economia - o governo da casa
 - Monástica ou Ética - governo da vida Individual

Poéticas - Medicina
 - Ginástica
 - Música
 - Dialética
 - Retórica
 - Poética

FILSOFIA PRIMEIRA

A Filosofia Primeira (Ontologia) estuda o Ser enquanto Ser e as propriedades que lhe correspondem enquanto tal. A Filosofia Primeira não se ocupa dos objetos particulares, enquanto que cada um deles tem algum acidente, senão que trata do ser enquanto que cada um destes objetos particulares é um Ser. Será esta Ciência que dará suporte a todas as demais ciências.

A Filosofia Primeira aparece como uma Ciência generalíssima e prévia que estabelece as bases firmes sobre as quais se apóiam todas as ciências particulares e da qual tomam suas noções fundamentais, sem que se precise perder tempo em explicar estas mesmas noções já definidas pela Filosofia Primeira. A Filosofia Primeira como ciência geral somente procura elaborar um conceito universalíssimo de Ser. Seu campo de ação se limita a estudar o ser enquanto ser, ou, os seres enquanto seres. Porém o estudo das diversas classes de seres entra no terreno próprio das ciências particulares.

I - ESSÊNCIA - Essência de uma coisa é aquilo que a coisa é, e pela qual se distingue de “per se” de todas as outras coisas. A essência das coisas é imutável e não admite graus.

II - ATO E POTÊNCIA - Estas noções são fundamentais na construção da edificação Filosofia de Aristóteles. Um ser em Ato é um ser que possui a existência atual. A potência é uma realidade entre o Ser e o não-ser, entre o nada e o ato. O ser em Ato é sempre anterior ao ser em potência. Para Aristóteles não existe nem o Ato e nem a potência em si, mas existem em seres concretos. Deus é para Aristóteles Ato Puro simplicíssimo, sem mistura alguma de potencialidade, se bem que todas as outras criaturas estão compostas de Ato e Potência.

III - SUBSTÂNCIA - É um conceito dos mais fundamentais na Filosofia de Aristóteles. A substância se contrapõe aos acidentes. A substância existe por si mesma e em si mesma separadamente de qualquer outra coisa, diferente dos acidentes que existem agregados a um sujeito. Não está em nenhum sujeito, que é a negativa de substância. Permanecendo sempre a mesma pode receber diferentes acidentes. A substância pode ser considerada em dois sentidos: lógico e ontológico. A substância em sentido lógico são os conceitos universais, os quais estão em um sujeito. A substância em sentido ontológico (substância primeira) é o indivíduo concreto (ex. Sócrates, João etc...)

IV - ACIDENTE - São modificações adventícias que sobrevêm à substância mas que se distinguem dela. Não podem existir por si mesmas. Há acidentes essenciais que são inseparáveis e há outros não essenciais e, portanto separáveis.

FÍSICA

I - A Matéria prima - Ocupa um ínfimo lugar e grau na escala da realidade. É um princípio físico, real, essencialmente potencial, distinto do não-ser. Não é nenhuma coisa determinada em ato, porém está em potência para ser todas as coisas. Nunca pode, porém existir só, mas deve estar unida a alguma forma determinada. A matéria prima é

incognoscível por si mesma. Não é perceptível dos sentidos. A matéria prima não é por si só nenhuma coisa determinada, nem substância, nem acidente, nem quantidade nem nenhuma outra coisa.

PROPRIEDADES –

- (a) É inteligível. Só pode ser alcançada pela inteligência;
- (b) Existe desde toda a eternidade;
- (c) É pura potência na ordem física, porém não pode existir por separado, devendo sempre estar unida a uma forma: Não existem nem matéria nem forma de maneira isolada, mas sempre unida a uma forma em um composto substancial;
- (d) É comum e idêntica em todas as substâncias corpóreas do mundo terrestre;
- (e) É o sujeito primeiro e último de todas as gerações e corrupções substanciais. Porém ela é imutável e imperecedoura;
- (f) É incorruptível;
- (g) Dela sai tudo e para ela tudo volta;
- (h) É essencialmente passiva, indeterminada, inqualificada, porém capaz de receber todas as determinações sob a ação da causa eficiente;
- (i) É ilimitada, indefinida; (j) a matéria prima não é o que existe nem o que foi criado.

II - A Forma - É o complemento da matéria sendo um co-princípio substancial que atua e determina a potencialidade da matéria primeira. Da união da forma e da matéria resultam as substâncias corpóreas. Nem a matéria e nem a forma existem separadamente. Em toda mutação há um sujeito que permanece (matéria) e outro que muda (forma). A matéria e determinada e a forma determinante. Aristóteles com sua teoria do hilemorfismo, dá solução ao problema da unidade e da multiplicidade das coisas, conciliando as antíteses entre a unidade da natureza e a pluralidade dos seres. Explica a mutação dos corpos físicos pela mudança de forma, substanciais ou acidentais, permanecendo imutável o sujeito material.

TEOLOGIA

Afirma a existência de uma substância suprema, Ato Puro, transcendente ao Universo, que se constitui na coroação ontológica de todo o seu sistema. Não possui a idéia de criação. Deus e o mundo coexistem distintos e independentes desde toda eternidade. As provas da existência de Deus partem não de princípios da criação, mas sim de princípios mecanicistas ligados ao movimento do mundo.

a - Provas da existência de Deus - Pela ordem do mundo; Pelos Graus de perfeição dos seres; Pela experiência psicológica; Pelo Movimento.

a.1 - Pela ordem do mundo - “Se alguém sentado no monte troiano Ida, visse o exercito dos helenos avançando pela planície, com ordem perfeita... certamente creia que existiria um ordenador de tal ordem que determinaria aos soldados a caminharem em tal ordem... da mesma maneira os primeiros que olharam os céus e contemplaram o sol no seu curso de

leste a oeste, vendo a dança ordenada dos astros, buscaram um artífice desta formosa ordenação, não supondo que pudessem se ordenar ao acaso, senão que por obra de uma natureza superior e incorruptível, que era Deus”.

a.2 - Pelos graus de perfeição dos seres - Onde há graduação de mais e menos perfeito tem que existir um que seja perfeitíssimo e a este se pode chamar de Deus.

a.3 - Pela experiência psicológica - Está presente na psicologia e na experiência psicológica do homem o acreditar na existência de Deus.

a.4 - Pelo movimento - Há um motor que tendo dado origem ao movimento o mesmo não foi movido.

ÉTICA DE ARISTÓTELES

O SER E O BEM - O Pensamento moral de Aristóteles é um lógico e orgânico desdobramento de seus princípios estabelecidos pela Filosofia. É fantástico observar como Aristóteles faz da Ética um desdobramento dos princípios elaborados por sua Filosofia.

Aristóteles faz relação entre o Ser e o Bem. Não há um único Ser como não há um único Bem. Há muitos bens particulares. Cada substância tem o seu próprio Ser e a cada ser corresponde um bem próprio. O Bem de cada coisa está em estreita relação com o seu próprio ser. Assim há um bem próprio de Deus, um bem próprio dos seres celestes, dos homens, dos animais etc... Assim o objetivo da Ética é investigar e descobrir qual seja o Bem próprio do homem que o leve a à perfeição, à felicidade e à realização plena do seu ser, enquanto homem. Assim o homem deve contentar-se com o ser que tem e portanto com o Bem que lhe é próprio.

O SUMO BEM

A Ética de Aristóteles é fundamental finalística e Eudemonista (busca da felicidade). Toda a ação do homem tem por finalidade um bem o qual está unido ao prazer e à felicidade (Eudemonia). O Bem tem caráter de causa final que age sobre o agente por atração extrínseca. Como existem vários seres, existem vários bens, aliás, há tantos bens quanto tanto seres. Há muitos bens parciais para os quais se ordenam as ações dos homens. Há os bens mais e menos desejáveis. Existe, porém algum Bem que deva ser considerado como supremo Bem sobre outros (Sumo Bem)? Aristóteles tenta descobrir qual seria este Bem orientador de toda a vida humana. Para Aristóteles não é válido identificar o bem do Homem com Deus, pois Deus possui um bem que lhe é próprio como o homem possui um Bem próprio do Homem. Deve existir um Bem que é próprio do Homem, exclusivamente seu, que não pode ser compartilhado com nenhum outro ser. Para descobrir qual é este Bem Aristóteles assinala as seguintes condições:

- * Deve ser perfeito, definitivo, suficiente em si para fazer feliz ao homem.
- * Deve ser buscado por si mesmo.
- * Deve ser uma coisa presente. Sua posse deve ser real e atual.

- * Deve ser a atividade mais elevada do homem.
- * Deve tornar o homem bom.
- * Sua posse deve ser estável e duradoura por toda uma vida.

Qual dos bens que o homem possa desejar que reúna todos estes atributos? Há muitos tipos de bens. Uns são preciosos. Outros louváveis; outros são simples potências e outros ainda facilitam a prática do Bem. Alguns bens pertencem ao espírito e outros são exteriores

“Porém qual dos bens ao alcance do homem reúne essas propriedades, ainda que dentro do relativismo em que Aristóteles entende o sumo bem? Existem muitos tipos de bens. Uns são preciosos e dignos de toda a estima e honra, como são a virtude, a alma e o entendimento, ‘que tem algo de divino’. Outros são louváveis, como as virtudes, que servem para agir bem. Outros, como a força, o poder, a riqueza, e a beleza são simples potências, que podem ser empregadas para o bem ou o mal. Uns, como a justiça e as virtudes, são sempre desejáveis; Outros, como a força, as riquezas e o poder, nem sempre o são. Uns bens tem sentido de fim, como a saúde; outros de meios para consegui-la, como a medicina. Alguns bens pertencem à alma, como a virtude; outros ao corpo, como a saúde e a beleza, e outros são exteriores como as riquezas.”¹

Num processo de exclusão Aristóteles tenta perceber que Bem seria este Assim rejeita:

a - Os prazeres Sensíveis. Uma vida entregue aos prazeres não é vida humana, mas vida própria de escravos e animais brutos.

b - Riquezas. Ainda que não sejam males, mas bens, são necessárias até certo ponto para a vida feliz e virtuosa. Mas é antes um meio e não um fim.

c - Glória e as honras. Este Bem é próprio da vida política.

Aristóteles tenta então estabelecer qual seja o Bem próprio do homem:

- 1 - É próprio do homem viver. Porém isto é também comum às plantas e animais.
- 2 - É próprio do homem sentir. Porém isto também é próprio do animal.
- 3 - O que verdadeiramente distingue o homem dos viventes inferiores é a RAZÃO. ASSIM A VIDA DO HOMEM CONSISTIRÁ EM VIVER DE ACORDO COM A RAZÃO.

Porém isto não basta:

]

A Razão deve dirigir e regular todos os atos do homem, e isto consiste ESSENCIALMENTE UMA VIDA VIRTUOSA. Assim o homem deve conseguir a perfeição que lhe é própria enquanto tal. Mas como existem muitas virtudes o homem deverá procurar a maior de todas.

¹ Fraile, Historia de la Filosofia, vol I pgs. 518s, Madrid, 1065

Na “Ética a Nicomaco” Aristóteles afirma que a vida Teorética ou contemplativa é própria do homem, pois é a faculdade mais alta da Inteligência.

- 1 - A Virtude Intelectual é superior a todas as virtudes. O ato do pensamento tem “algo de divino”.
- 2 - É o ato mais contínuo, que podemos fazer com que permaneça por longo tempo.
- 3 - É o mais agradável.
- 4 - O sábio necessita de poucas coisas, apenas o necessário para viver. Deseja estar só para poder dedicar-se ao estudo e à contemplação.
- 5 - A vida contemplativa é a única que se ama por si mesma, pois não busca nenhum outro bem fora dele, mesmo.
- 6 - O pensamento distingue os homens dos animais e os aproxima mais dos deuses felizes.

Surge um problema: Sobre qual objeto deve versar a contemplação?

O homem deverá pensar sobre tudo. Porém de uma maneira especial sobre o objeto da matéria teorética mais elevada que é a TEOLOGIA, A QUAL ESTUDA DEUS: ATO PURO, CUME DE TODOS OS SERES E DE TODAS AS PERFEIÇÕES.

Na “Ética a Eudemo” Aristóteles propõe como objeto da vida humana o Culto e a contemplação de Deus. Este é o nosso fim mais nobre e nossa norma mais segura de conduta. Este é o ponto mais alto que um filósofo pode chegar sobre Deus e o sentido Ético da vida sem a iluminação do pensamento cristão.

O BEM E O PRAZER

O Prazer não é um bem absoluto, nem tão pouco um mal. Deve-se optar mais pelos prazeres menos elevados que pelo menos elevados. Deve-se optar pelos prazeres do Espírito do que pelos prazeres corporais. Cada ato humano tem um prazer próprio do ato. Aos prazeres procedentes da atividade espiritual não existe excesso. Porém os prazeres corporais devem ser regulados pela temperança. O Prazer em si não é um mal nem um bem. Porém tão pouco é um Bem supremo. Há prazeres tão abomináveis que nem se deve desejar. HÁ BENS QUE DEVEM SER DESEJADOS POR SI MESMO, AINDA QUE A AÇÃO QUE A ELES CORRESPONDA NÃO CAUSE PRAZER, MAS DOR. Assim ainda que o bem do homem vá unido ao prazer são coisas de certo modo independentes: “Os verdadeiros prazeres do homem são as ações conforme a virtude”.

A VIRTUDE

A Felicidade não é um presente dos deuses nem tão pouco fruto da sorte, senão que é preciso conquistá-la após longos e custosos exercícios, na luta e na prática da Virtude. Aristóteles considera o homem como um composto substancial de corpo e alma. O corpo é objeto de paixões, de potências e hábitos. As paixões são aqueles movimentos do apetite sensitivo que trazem consigo prazer e dor. São a concupiscência, a cólera, o temor, a inveja, o gozo, o amor, o ódio, a compaixão. As potências é aquilo que faz com que o homem torne-se capaz de experimentar as paixões. Os hábitos são qualidade adquiridas que colocam sujeito numa má ou boa disposição para senti-las. HÁ HÁBITOS BONS E

MAUS. A VIRTUDE É UM HÁBITO BOM, QUER FAZ BOM AO HOMEM E BOAS AS SUAS AÇÕES. OS VÍCIOS SÃO HÁBITOS MAUS.

Quanto às virtudes podemos afirmar:

1 - **A VIRTUDE É UM HÁBITO ADQUIRIDO** - fruto do esforço, da repetição de atos mediante a luta para praticar o bem.

2 - **A VIRTUDE É UM HÁBITO VOLUNTÁRIO** - Deve existir uma deliberação, um querer onde entram a Inteligência e a Vontade. Aristóteles faz uma penetrante análise psicológica do ato voluntário. Há cinco momentos:

- a - conhecimento do objeto e do fim.
- b - vontade de alcançá-lo.
- c - deliberação sobre os meios necessários para adquiri-lo.
- d - eleição reflexiva.
- e - firmeza inquebrantável na decisão de agir.

3 - **AS VIRTUDES MORAIS CONSISTEM NO JUSTO MEIO ENTRE DOIS EXTREMOS VICIOSOS (VIRTUS EST IN MEDIO)**. A Virtude se encontra no meio entre o “pouco” e o “demasiado”. Ex. o VALOR esta entre a covardia e a temeridade.

4 - **NÃO BASTA CONHECER ESPECULATIVAMENTE EM QUE CONSISTE A VIRTUDE, SENÃO QUE É NECESSÁRIO ESFORÇAR-SE POR POSSUÍ-LA E PRATICA-LA.**

CRITÉRIO DE MORALIDADE

O critério para agir dentro da moralidade está apoiada na chamada **RETA RAZÃO** que consiste em agir bem de acordo com a razão. Em síntese podemos apresentar o pensamento Aristotélico dentro desta definitiva definição de virtude:

VIRTUDE É HÁBITO ADQUIRIDO, VOLUNTÁRIO, DELIBERADO, QUE CONSISTE NO JUSTO MEIO EM RELAÇÃO A NÓS, TAL COMO O DETERMINARIA O JUSTO JUÍZO DE UM HOMEM PRUDENTE E SENSATO, JULGANDO CONFORME A RETA RAZÃO E A EXPERIÊNCIA.

(divisão das virtudes - pags. 527 a 530)

A JUSTIÇA

É a virtude por excelência na qual de certo modo estão contidas todas as outras virtudes. É a **HARMONIA DO CONJUNTO** sendo Harmonia do homem com o homem, com o mundo e com a sociedade. Justiça é obediência às leis e relação com os outros cidadãos. O bom cidadão que obedece as leis será também um homem justo e virtuoso.

O Direito Natural é diferente do Direito positivo. O Direito Natural é:

- universal
- atemporal

- independente do homem

A Justiça busca não só o bem dos indivíduos como também o bem dos cidadãos. O Bem individual deve ser sacrificado em vista do **BEM COMUM**.

TEMOS AS SEGUINTE FORMAS DE JUSTIÇA:

DISTRIBUTIVA - deve regular a relação do todo com a parte (cuidar da distribuição dos bens, das honras, das riquezas).

COMUTATIVA - regula as relações dos cidadãos entre si.

A Moeda é uma realidade artificial de justiça. É uma medida geral.

A EQUIDADE

A EQUIDADE consiste na virtude de interpretar e aplicar a lei determinando o que é justo em cada caso em particular. Ela é dar a cada um o que é justo com equilíbrio. A justiça sem equidade seria cega, dura e fatalista. “É preciso olhar não a lei, mas o legislador. Não a letra, senão a intenção do legislador, e não o fato, senão a intenção, e não a parte senão o todo” (Obs. ler todo o texto com aspas da página 535).

Summum **ius**, **summa** iniuria

O BEM DA COMUNIDADE POLÍTICA

O homem é um animal social e a forma mais perfeita de sociedade é a cidade. A polis não deve ser cosmopolita. A cidade não é mero agrupamento de pessoas nem associação de conveniências. O Fim da cidade é o BEM. É não só viver, mas viver bem.

] A Comunidade política tem por fim não só viver, mas viver bem. Para se viver bem é necessário se viver de acordo e conforme a virtude. Assim temos a definição de cidade:

CIDADE É A COMUNIDADE DE HOMENS LIVRES E SUA DIFERENÇA ESPECÍFICA: ORIENTADA PARA O FIM DE VIVER BEM, ISTO É, DE VIVER CONFORME A VIRTUDE.

Deve possuir um número suficiente de cidadãos: nem muitos nem poucos. O Território deve ser suficiente: nem muito grande e nem muito pequeno. Deve ter ventos este, estar próxima do mar. Deve facilitar a saída dos cidadãos se necessário e ser de difícil acesso para os inimigos.

O BEM COMUM E A FINALIDADE DA COMUNIDADE POLÍTICA

O que é o Bem da Cidade. É bom lembrar que Aristóteles não sonha com uma república ideal como fez Platão, mas com uma república que é possível ser construída. O Bem individual se confunde com o Bem da cidade. Aristóteles não foi cosmopolita e nem

entendeu o discurso cosmopolita de Alexandre. A política esta subordinada à Ética. A cidade é vista a partir de uma visão organicista. nela devem existir:

- a - lavradores que proporcionam alimento;
- b - ARTESÃO que realizam trabalhos manuais;
- c - mercadores que procuram alimentos para a cidade;
- d - soldados para a defesa;
- e - sacerdotes que EXERÇAM os deveres para com os deuses;
- f - juizes e magistrados o que governem e administrem de acordo com a justiça.

Aristóteles ENTENDE a cidade para os cidadãos livres. Exclui escravos, periécicos, metecos e mulheres. Na categoria de cidadãos livres estão apenas os guerreiros, sacerdotes e magistrados. Os dirigentes da cidade podem ter bens materiais. Os cidadãos devem estar livres das preocupações de modo que devem ter bens materiais suficientes para isto. Os escravos então devem trabalhar para proporcionar tal forma de vida aos cidadãos.

A LEI

As leis são normas fundamentais que servem para reger o homem. Temos:

Lei Natural - que esta impressa no interior de cada homem.

Costume - é a pratica dos cidadãos no dia a dia.

Lei positiva - nasce a partir do costume e é a lei regulamentada.

As leis não devem ser modificadas. Elas pelo costume se arraigam no coração do homem. Elas são a garantia contra a injustiça.

A JUSTIÇA

É a virtude fundamental que deve presidir e regular as relações dos cidadãos.

CIDADÃOS E ESCRAVOS

A cidade é uma associação de homens livres. Os direitos de cidadania cabem a uma pequena minoria dos membros de uma cidade, ficando excluídos dela a classe dos agricultores, artesãos e mercadores. “O escravo é propriedade do senhor”. Está dotado de razão, porém esta só deve lhe servir para conhecer a Razão (vontade) do seu senhor. Os senhores, porém não devem abusar de sua autoridade e nem tão pouco usar de crueldade².

² - No seu testamento Aristóteles deu liberdade aos seus escravos.

A GUERRA

É um meio violento para defender e obter um direito de uma cidade. Só pode justificar-se por sua finalidade: O fim da guerra é a paz.

Si vis pacem para bellum.

FORMAS DE GOVERNO

Para Aristóteles a melhor forma de governo é aquela em que governam os melhores e os que mais eficazmente contribuem para o bem da cidade. O Bom governo é aquele que busca o interesse comum. Os governos com interesses particulares são maus. O mal é a degeneração de uma forma de governo:

- Monarquia degenera-se em Tirania
- Aristocracia degenera-se em oligarquia
- Democracia em Demagogia